

# TU!

**TU É GATA  
NAYARA  
EMELI**  
MUITA ATITUDE EM  
UM ENSAIO NO MEIO  
DE MOTOCICLETAS

**TU ENTREVISTOU  
RAFAEL  
MOREIRA**  
UM BATE PAPO  
CABECA COM O  
CIENTISTA POLÍTICO

**TU PELO MUNDO  
BOGOTÁ E  
CARTAGENA**  
VISITAMOS A JOIA DO  
LITORAL COLOMBIANO  
E NOS APAIXONAMOS

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA PROIBIDA.

EDIÇÃO 017 - ANO 03

# 2019 VEM AÍ!



FERNANDO DE SANTIS



THIAGO SOUTO

Mais um ano passou diante dos nossos olhos. 2018 foi um ano complexo, talvez dos mais difíceis de se explicar nos livros de história em um futuro não tão distante. Mas se foi difícil, se foi complicado, pelo menos nos deixou boas lições. Como tolerar as diferenças, como amar o próximo, como fazer o bem, como tratar bem os animais, a natureza e como curtir a vida. Vamos pegar todas essas lições que aprendemos, e vamos colocá-las em prática no ano que está entrando. Não tem como dar errado, tendo essas atitudes.

E nas suas mãos está a edição 017 da Revista TU, que vem para brindar esse ano que, apesar de tudo, foi fantástico. Em 2018 falamos muito de política, foi ano de eleições, resolvemos então conversar com o nosso amigo e irmão, o cientista político Rafael Moreira, para nos contar um pouco de como é esse dia a dia real da política. Na capa, Nayara Emeli, gata, boazinha, porém destemida. Em dos ensaios mais legais da TU, Nayara mostrou muita atitude e beleza. E se o verão já chegou nos deixando torrados, que tal conhecer um paraíso, que fica próximo ao Brasil? Nossa amiga Thais Faria foi para Bogotá e Cartagena, na Colômbia, e nos contou como foi aproveitar esse lugar que tem cara de verão o tempo todo. Pra variar, no final do ano estamos dicas de espumantes para beber e comemorar com os amigos nas festas de final e início de ano, além das tradicionais colunas com dicas gastronômicas em Santos, São Paulo, papo cabeça com a Luiza Canato, uma batalha entre pai e filho de Rage Against the Machine versus Audioslave, no TU nos ouvidos, além de vocês, é claro.

Senhoras e senhores, 2019 está aí, nas suas mãos. Vocês têm 365 chances de fazer esse ano dar certo. Então feche os olhos e apenas respire. Feliz ano novo! **TU**

## ELES FAZEM A TU

### textos

\danilo rocha  
\fernando de santis  
\luiza canato  
\nicolas póvoas  
\thais faria  
\thiago souto

### fotos

\éricó bomfim  
\fernando de santis  
\rafael moreira  
\thais faria  
\thiago souto

### diagramação

\thiago souto

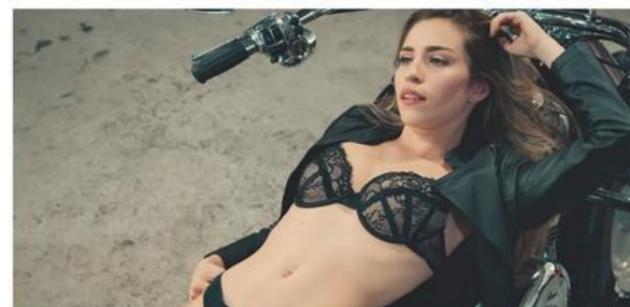


# #04

TU ENTREVISTOU

# #20

TU PELO MUNDO



# #30

TU É GATA

# #50

TU FAZ ARTE



# #52

TU NA COZINHA

# #56

TU COMEU



# RAFAEL MOREIRA

Se você acha que nos últimos anos a política invadiu a sua vida, é porque você ainda não conhece nosso entrevistado desta edição. Rafael Moreira tem 33 anos e é cientista político, então já dá para entender o quanto ele tem trabalhado estes últimos anos no Brasil. Se dizem que nossa política não é para iniciantes, Rafael está mais do que gabaritado para falar do assunto, apesar da pouca idade. Atualmente está na reta final do doutorado em Ciência Política na USP, onde fez a maior parte da sua carreira acadêmica. Fez o Bacharelado em Ciências Sociais, parte da formação na Universidade Autônoma de Barcelona, fez na USP a Licenciatura em Ciências Sociais, mestrado em Ciência Política. Além disso, é pesquisador vinculado ao NUPPS (Núcleo de Pesquisa de Política Públicas da USP), associado do CBAP (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento) e é comentarista político de alguns veículos de comunicação na Baixada Santista. E quando não está falando de política? Rafael reserva seu tempo para fazer yoga, andar de skate longboard, mochilar pelo mundo e cumprir seu papel como militante social e ativista.

texto  
\\ thiago souto  
fotos  
\\ rafael moreira  
\\ thiago souto



## TU ENTREVISTOU

**TU** – As pessoas sempre têm sonhos de ser advogados, médicos, dentista... o que leva uma pessoa a escolher ser cientista político?

**Rafael Moreira** – Cara... Putz, eu me faço essa pergunta às vezes (risos). Eu fui parar na Ciência Política meio que “sem querer”. Vou dar uns passos para trás para chegar uns passos para frente. Quando terminei o colegial, que é normalmente quando te fazem esse tipo de pergunta, quando vem esse tipo de reflexão, eu não tinha a menor ideia do que fazer da vida. Aí, surgiu uma ideia que partiu da minha mãe de fazer intercâmbio, que era pra tirar um tempo para pensar. Então, eu fiz e mudou o paradigma de muita coisa na minha vida. Eu comecei a pensar um pouco em talvez fazer Relações Internacionais. Era um curso que estava surgindo, principalmente na USP, que eu vi que tinha uma formação bem ampla e que era o que eu devia fazer. Prestei duas ou três vezes a FUVEST e não passei, ficando sempre por muito pouco.

Foi aí que descobri que tinha o curso de Ciências Sociais, que era um curso que nele estava incluso Ciência Política e ali eu já tinha interesse por política. Além disso, eu passando em Ciências Sociais, se tivesse uma média ponderada boa, eu poderia fazer transferência para Relações Internacionais, dentro da USP mesmo. Aí consegui passar, fiz um primeiro ano que mantinha uma média para eu me transferir para Relações Internacionais e, quando

pensei em fazer a prova de transferência, falei: “Putz, acho que não vou fazer essa prova... estou gostando muito. O curso é sensacional, estou aprendendo muita coisa e tal.” Acabei nunca fazendo a transferência e na Ciências Sociais tem grandes áreas: a Sociologia, a Antropologia e a Ciência Política. Eu comecei flertando com Antropologia, tive um professor muito bom, que começou a fazer perguntas, resolver algumas coisas que eu tinha na cabeça, coisas que eu queria entender, de maneira geral, mas cada vez mais percebi que era a Ciência Política que me

ajudava a explicar as coisas que eu queria entender. E foi aí que eu acabei seguindo por essa. Sempre tive uma inquietação de tentar entender as coisas e depois transformá-las, então acho que acabou sendo um caminho natural. Em algum momento saquei, talvez de maneira subconsciente até, que a Ciência Política era o caminho para entender as coisas e intervir nas coisas que eu achava que deveria de intervir de alguma maneira.

**TU** – Não se arrepende de jeito nenhum?

**RM** – Nem um pouco. Hoje em dia não. Talvez venha me arrepender, mais a frente, por causa de todo stress que isso causa (risos). Mas de maneira nenhuma. Você começa a sacar aquilo que você quer sacar, intervir naquilo que queria intervir, não me vejo fazendo outra coisa.

**TU** – Embora você tenha 33 anos, você aparenta ser mais novo. No meio da política, tu sente algum preconceito, por ter essa aparência de mais jovem?

**RM** – Sim. Sempre senti, mas com o tempo comecei a aprender a lidar melhor com isso e tirar um pouco mais de letra. Hoje faço até piada. Isso faz com que eles fiquem constrangidos e não eu pela minha idade. Uma das coisas que mais escuto, seja em TV ou em outros lugares é: “Ah, você é novo ainda. Quando você for mais velho você vai sacar...”. E aí você vai sacando

umas estratégias retóricas, para combater esse tipo de coisa. Pô, a pessoa mais velha do mundo é aquela que sabe tudo sobre tudo? É uma questão da idade, que vai se acumulando? Muitas vezes uso uma retórica, é a que tenho mais usado, sempre que falam minha idade ou dos meus brincos, aí eu sempre tento desconstruir da maneira reversa, que aí eles que ficam constrangidos. Eu falo “olha, esse tipo de estratégia em retórica de desqualificar a pessoa que está emitindo uma mensagem e não a mensagem, é o tipo de coisa que mais me deparo quando a pessoa não sabe como argumentar em cima de fatos, então, estou super acostumado, pode ficar tranquilo e continuamos o debate mesmo assim”. Aí, a pessoa fica constrangida. Você está usando a mesma estratégia que ela, desqualificando a pessoa e não o argumento. Se não tem um repertório de retórica, aí você apela para pessoa, né?



**TU** – Geralmente o preconceito vem de quem não concorda com a sua opinião...

**RM** – Exato. E muitas vezes é um tipo de preconceito que surge, primeiro porque ele se baseia muito no senso comum, essas pessoas que eu debato não estão acostumadas a serem confrontadas por alguém que tenha uma bagagem científica, alguém que tenha a obrigação de ler sobre o assunto, antes de opinar. As pessoas muitas vezes falam de orelhada “ah, eu ouvi dizer...” ou “ah, vi uma vez...”. Enquanto eles estão “vendo”, a gente senta a bunda na cadeira e levanta uma montanha de dados e tenta entender se é isso mesmo. As pessoas não estão acostumadas a debater com alguém que vem da ciência, então, isso ainda se soma ao preconceito.

**TU** – Você costuma a receber então muitas agressões, ameaças, principalmente na internet? O que você costuma fazer em relação a isso? E alguma vez teve alguma ameaça mais grave?

**RM** – (risos) Até agora não virou algo tão sério assim, mas já chegou ao ponto de eu descobrir que tinha um cara que estava sendo pago para fazer o que ele fazia comigo no Facebook, saca? Vi que estava uma coisa muito constante, uma perseguição meio estranha e que estava chegando num ponto de me questionar o sobre aquilo que eu estava fazendo. Fiquei pensando: “Será que eu sou tudo isso que ele tá falando?”. E quando eu vi que

eu estava me questionando, por tudo que fiz na vida, pensei que tinha alguma coisa errada. Foi aí que uns amigos meus jornalistas me deram um toque. Me falaram que esse cara estava sendo pago. E depois de muito tempo, nessa eleição, encontrei com um amigo meu que trabalha com redes sociais, eu não sabia que ele trabalhava com isso, e ele viu que eu tinha bloqueado esse cara, ele falou: “Meu, estava pra te dar um toque faz tempo... o cara está sendo muito bem pago pra fazer

esse tipo de coisa que ele tá fazendo. Você deve estar começando a incomodar algumas pessoas e isso está gerando um efeito colateral. Essas pessoas tentaram se mobilizar para tentar te desconstruir”. Se as pessoas estão se mobilizando a esse ponto, então eu estou fazendo a coisa certa. Seria preocupante se esse tipo de pessoa estivesse concordando.



**“AS PESSOAS MUITAS VEZES FALAM DE ORELHADA ‘AH, EU OUVI DIZER...’ OU ‘AH, VI UMA VEZ...’. ENQUANTO ELES ESTÃO ‘VENDO’, A GENTE SENTA A BUNDA NA CADEIRA E LEVANTA UMA MONTANHA DE DADOS E TENTA ENTENDER SE É ISSO MESMO.”**



**TU** – Hoje em dia, todo mundo virou especialista político na internet. O que você acha que fez o Brasil dar esse *start*, nessa coisa de discutir política? O que desencadeou isso de tomarem posições definitivas?

**RM** – Sobre o fato das pessoas começarem a discutirem política, falo como cientista, que é difícil dizer com certeza, por isso vou levantar hipóteses porque eu acho que as pessoas começaram, não tem um dado que explique cientificamente o motivo de começarem a discutir, mas tenho hipóteses. A gente pega a transição democrática, eu nasci em 1985, cresci durante a consolidação da democracia. Além disso, cresci em um período de estabilização econômica, plano Real, acho que a coisa foi entrando meio que numa calma, no sentido positivo. Parecia que está-

vamos aprendendo a lidar com um regime democrático. Tivemos alternância de poder no meio disso tudo, teve o ciclo do PSDB, depois um ciclo do PT e se desenhava para 2018 uma alternância mais uma vez, com um novo ciclo do PSDB, se não tivesse havido o Impeachment no meio do caminho, mas é mais ou menos por aí. Só que ao mesmo tempo aconteceu 2013. Eu sou daquela ala acadêmica que acha que em 2013 muda o paradigma da política brasileira. Quando temos aquela série de manifestações de rua, há uma interpretação que diz que ali veio à tona uma condição de panela de pressão, que já vinha se acumulando há algum tempo, de que o sistema político brasileiro, em todos os seus níveis (municipal, estadual e federal), não estava dando conta das demandas que a população tinha. Havia uma transformação em curso, onde víamos uma redução da desigualdade social, expansão das vagas de universidade, programas de redistribuição de renda cumprindo o

seu papel... enfim, uma série de políticas que estavam de alguma maneira funcionando, mas que não davam vazão a todas as demandas que vinham represadas. E tem outro lado que também é importante, onde essa série de transformações começaram a atingir algumas camadas da sociedade brasileira, que sempre tiveram condições de privilégio fortíssima. Então, se tem uma formação social que tá dando vazão ao que as pessoas sempre quiseram, mas essa transformação social tá cutucando pessoas que tinham condição de privilégio, que se sentem incomodados com esse processo. Acho que isso tudo cria um caldo de cultura que ali as pessoas começam a sacar a importância da política na vida delas e aí muda o paradigma. E é isso em todos os sentidos. O espaço

público volta a ser ocupado pelas grandes manifestações, isso não acontecia... Lógico, tem setores que nunca saíram da rua, mas isso não acontecia, desde o fora Collor de 1992 e 1993. Acho que isso tudo estava acontecendo e levou às pessoas a discutirem mais política. Ao mesmo tempo, isso acontece um período de expansão das redes sociais, no acesso à internet, isso em 2010, se não me engano, tínhamos 7 milhões de contas no Facebook, em 2014 eram 70 milhões. A expansão é muito grande e rápida e as pessoas começam a usar essa esfera para se informar e para debater política. Mas aí vem um problema. Mesmo com essa transição democrática que tivemos, as pessoas não criaram, não sei se uma prática, hábito, valor, de entender como funciona um debate. De entender

**“DISCUTIR POLÍTICA FOI SEMPRE BOM. ESSE DITADO SÓ EXISTE NO BRASIL DE QUE ‘POLÍTICA NÃO SE DISCUTE’, ISSO É UM ABSURDO.”**

que em um debate, os dois lados têm que estar sempre dispostos a mudar de opinião se algum argumento for melhor. Numa rede social onde você está blindado, você não está interagindo com a pessoa diretamente, que é onde rola de fato o debate. Você muda a opinião, vê a reação que ela tem. A rede social coloca uma barreira, onde a pessoa se esconde, usa como escudo. Se não tem argumento, pega uma foto antiga dela e posta com algo que não tem nada a ver com o assunto. Acho que isso tudo meio foi acontecendo, ao mesmo tempo, a partir daí que as pessoas começam a discutir política nesse caldeirão que vem junho de 2013.

**TU – E você acha que essa mudança foi boa?**

**RM –** Discutir política foi sempre bom. Esse ditado só existe no Brasil de que “política não se discute”, isso é um absurdo. Isso é um pensamento colonial, sabe? De você não entender que pra solucionar problemas sociais, isso passa pela discussão pública, aberta, onde os dois lados têm que estar dispostos a mudar de opinião. Acho que o debate em cima de política, sempre positivo, mas as pessoas ainda não incorporaram ainda esse outro aspecto que é importante: a politização em um sentido positivo. Se debruçarem sobre dados na hora de debater alguma coisa, não. Ficar no achismo... isso vem muito no nosso modelo educacional, somos fruto disso, tem um modelo educacional pautado pela decoreba, memorização e não pelo estímulo à reflexão crítica, de você ler um

texto, pensar “será que concordo com isso? Vamos discutir juntos... será que tem uma interpretação melhor pra aquele fenômeno histórico? Que mais estava acontecendo?”. Somos formados a decorar as coisas e não entender a história como um encadeamento de fatos, que têm uma certa lógica, que pode ter uma certa leitura, diferente ou não, enfim, não tem esse hábito. Nosso modelo educacional é muito ruim. Por isso viramos terreno fértil para *fake news*. É um país fértil pra isso, você espalha uma notícia, por mais escabrosa que seja, do tipo “mamadeira de piroca”, sabe? Numa eleição! Vai ter gente que vai acreditar, sabe? E não importa o nível educacional. Pode ter ensino superior completo, se ela foi formada num modelo educacional que é decoreba e não reflexão crítica, ela vai acreditar nisso. Aí está o problema.

**TU – Como falaram do Pablo Vittar nas notas de Real...**

**RM –** É... Pablo Vittar vai virar ministro do Lula! (risos). Tem gente que acredita! Que é isso!? As pessoas não param para pensar o quão absurdo pode ser? Se encaixa na visão de mundo dela, ela fala: “Putz! É isso, irado, tenho que manifestar, vou mandar corrente pelo ‘Zap’, pra xingar e tal”.

**TU – E esse ano agora a gente teve a eleição e entrou o Bolsonaro, que é um cara bastante polêmico. O que você acha que pode acontecer?**

**RM –** Caraca! Essa é difícil. Quando perguntam este tipo de coisa, eu sempre respondo que eu faço Ciência Política, não faço Astrologia (risos). Que quem define o futuro é o astrólogo. Enquanto cientista político, cabe a mim apontar cenários futuros, sempre baseado na análise pregressa. Então assim, o governo Bolsonaro tem uma série de cenários que apontam para o futuro. Alguns tenebrosos e preocupantes, acho importante falar isso. E só de você ter entre os cenários possíveis alguns que são assim, já é preocupante. Pois a

coalizão de forças que ele leva ao poder tem agendas que muitas vezes são até contraditórias e que se unificam exclusivamente no fato de ser antipetista, mas isso é muito pouco para gerir um Estado do tamanho do Brasil. Por você não ter um norte na sua agenda...OK, até tem um, mas tem muita gente na agenda que é conflitante. Isso vai dar muito problema para ele. Muito problema. Mas lógico, a eleição dele primeiro não está descolada da conjuntura internacional. É uma conjuntura de reordenação do eixo global onde a gente tem lideranças de extrema direita chegando no poder em

**“[SOBRE O FUTURO COM BOLSONARO PRESIDENTE] CARACA! ESSA É DIFÍCIL. QUANDO PERGUNTAM ESTE TIPO DE COISA, EU SEMPRE RESPONDO QUE EU FAÇO CIÊNCIA POLÍTICA, NÃO FAÇO ASTROLOGIA (RISOS).”**



**TU** – Tem até candidatos eleitos.

muitos lugares do mundo. Você tem um Trump no Estados Unidos, você tem Hungria que tem uma ditadura totalitária, Turquia... isso passa por tantos países. Então, há uma conjuntura global. Mas ao mesmo tempo, nesse xadrez global, a gente sempre foi quintal dos EUA. A gente estava começando a ter um certo protagonismo nas últimas duas décadas que incomodava o Estados Unidos faz tempo, com os BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) e tal. Então, a gente passou a ser mais uma peça nesse tabuleiro nessa grande briga entre EUA e China, basicamente, com a Rússia ali tentando alguma coisa. Além disso, tem as características nacionais. Por exemplo, o julho de 2013, que eu mencionei, muda o paradigma da política brasileira. Ali tem início uma onda conservadora brasileira muito forte. Movimentos sociais de direita surgem ali e começam a ganhar força. E que hoje pautam agenda, têm seus projetos...

**RM** – Exatamente. E se nós não estamos descolados da realidade mundial, também temos esta conjuntura específica interna. Deste processo de transformação social que eu demonstrei antes, começando a incomodar categorias sociais que sempre tiveram muitos privilégios e que não reconhecem que, em um dos países mais desiguais do mundo, você precisa ter uma redução desta desigualdade. E que não reconhece esta sua situação de privilégio. Isso gera em última instância a própria eleição do Bolsonaro, e esta coalizão de forças que ele leva traz com ela alguns resquícios de períodos muito complicados, o próprio Regime Militar. Ele tem o apoio, que é importante falar que não é unânime, das Forças Armadas, mas que traz junto com ele alguns setores que imaginavam que já tinham aderido à democracia e que estavam distantes da política institucional, linha de frente. E parece que não tanto assim. O próprio vice dele, pouco tempo atrás tinha dado declarações das mais absurdas e impossíveis. E agora vemos, é um cara que vai ser vice-presidente da República. Entre os vários cenários possíveis, alguns se colocam muito tenebrosos, e só esse fato de ter alguns que são muito preocupantes, como esse, é preocupante para a própria democracia.

**TU** – Você acha que esse cenário é semelhante ao que aconteceu com o Trump? No começo da candidatura, viam como piada e acabou virando o presidente. O Bolsonaro acabou começando como uma piada...

**RM** – Acho que sim, mas a conjuntura dos EUA é uma coisa um pouco diferente. Ali tem instituições que são mais consolidadas do que as nossas. Gostando delas ou não, acho que as instituições políticas norte-americanas “dão conta” de um governo Trump por quatro anos. As brasileiras eu não sei... não sei mesmo. Só o fato de vermos muitos cientistas políticos na TV falando o tempo todo: “As instituições estão funcionando...” Se estamos tendo que falar tantas vezes, quer dizer que não estão. Tem coisas acontecendo há algum tempo, o próprio STF, o sistema partidário vem colapsando completamente. Acho que as instituições são um pouco diferentes nos EUA.

**TU** – Você cita o próprio STF. Ele tem agido mais politicamente do que juridicamente...

**RM** – É, se pegarmos os últimos trinta anos, tivemos um período que o Poder Executivo tinha um forte protagonismo, ainda tem, pelo poder de agenda, por exemplo, de aprovar medida provisória. Depois víamos um Poder Legislativo ter cada vez mais protagonismo e agora no momento o Poder Judiciário parece ter mais protagonismo. A questão é que as pessoas muitas

vezes acham que o Judiciário é um poder que não é político, que há uma neutralidade, mas isso nunca aconteceu em nenhum lugar do mundo e em nenhum momento da história. Assim como o Legislativo e o Executivo fazem política, o Judiciário também faz. Isso não é ruim. Como é algo que está dado historicamente, o Judiciário vai fazer política sim. O problema é que temos mecanismos de controle em alguns países, que não temos aqui. Do tipo, um Poder Judiciário, por exemplo, onde os juizes da Suprema Corte, serem eleitos pela população e que não tenham cargos vitalícios. Isso dá um certo poder para a população de regulamentar esses poderes. Senão acaba tendo um Judiciário como temos aqui. Por exemplo, o Alexandre Moraes, que foi nomeado agora no Governo Temer. Foi nomeado numa conjuntura complicada e o cara vai ficar lá por vinte, trinta anos. Imagine o tipo de coisas que ele pode fazer em trinta anos. E qual mecanismo de controle que a população pode ter para acompanhar o mandato dele, se ele mudar de opinião? Todos ali fazem política. Esquecemos muitas vezes. Reviro muito o arquivo da Folha de São Paulo, por conta da minha tese. E na nomeação do Gilmar Mendes, estava rolando um acordo, segundo o texto na Folha, de que ele seria candidato, não lembro se a governador de estado ou senador. Ele iria se filiar ao PSDB, tudo acordado. Só que o PSDB estava com uma conjuntura muito boa eleitoralmente e não precisava dele, mas sim dele

dentro do Judiciário. Então, rolou um acordo onde o Fernando Henrique pediu para ele não se filiar, que iria nomeá-lo para o STF. E fica esse quadro por vinte, trinta anos. É como se tivesse um quadro político ligado a um partido específico e isso pode acontecer com o PT, PSDB, qualquer um. Vai ficar dentro do poder, fazendo política por vinte ou trinta anos sem controle da população. Tem países que têm referendo revogatório que é quando um cara tá eleito, em determinado cargo, a partir do segundo ano, ele pode ser sofrer um processo de Impeachment popular. Se não corresponde, a população monta um referendo e avaliará o mandato dele. Isso empodera a população. Não fica aquilo de digitar um número a cada quatro anos.

**TU** – Você é um cara novo, fazendo um doutorado. Muitos estão descreditados em evoluir no estudo, no Brasil. O que você acha dessa descrença?

**RM** – Acho que nesse sentido, sou extremamente privilegiado. Venho de uma família que sempre estimulou a educação e a educação enquanto um fim a si mesmo. Não educação em algo que possa me dar um salário melhor, a cada vez que eu fizer uma faculdade. Isso desde que terminei o colegial no Santa Cecília, depois quando fiz o intercâmbio só com matérias optativas. Minha mãe sempre me estimulou nesse sentido. Minha avó sempre me presenteou com livros, desde criança. Minhas primeiras lembranças da minha avó,



**ALÉM DE POLÍTICA, RAFAEL AMA ANDAR DE SKATE EM SANTOS.**

são dela me dando livro. E as primeiras lembranças que tenho do meu vô é dele dando carona todo o santo dia para a escola. Isso acaba, de alguma forma, ficando marcado, não tem como. Eu reproduzo muito isso, percebo que é o que eu gosto. Sempre tive inquietação de entender, e saquei que podia contribuir com o meu conhecimento para o meu país onde me identifiquei, que sou apaixonado. Acho que isso vem daí. É triste ver que sou privilegiado nesse sentido. Na minha visão de mundo, isso deveria de ser uma regra. Estudar não tem idade. Você pode estudar a vida inteira e isso não será ruim. Minha vó fazia faculdade com sessenta anos. Sempre foi funcionária pública, aposentou e pensou que poderia fazer faculdade. Isso ficou marcado em mim, na minha irmã, nos meus primos. Por ser privilegiado, eu pude me dar ao luxo de, depois de acabar o

colegial, fazer o intercâmbio e ficar fazendo cursinho até passar na faculdade que eu queria. Eu trabalhava na época, dando aula de inglês, ajudava a pagar as contas, mas sei que isso é uma condição de privilégio. Muitos amigos que não podem se dar ao luxo de fazer isso. Por ter essa consciência, comecei a ter um certo ativismo, saquei minha condição de privilegiado. O Brasil investe em mim, estou em uma universidade pública, com professores pagos com dinheiro público. Minha pesquisa é financiada com dinheiro público. Sou pago para viajar para Brasília, para entrevistar um monte de parla-

mentar, para ter minha pesquisa, então me sinto na obrigação de fazer algo. Entendo quem é pesquisador e faz aquela coisa fechada em quatro paredes. Mas eu não sou assim. Sinto que devo fazer algo. Não é todo mundo que consegue ter um trânsito no meio social. Acho que consigo, então uma coisa acabou ficando ligada à outra. Luto para que não seja mais uma condição de privilegiado.

## RAFAEL TAMBÉM COLECIONA FOTOS DE CARTAZES QUE TIRA EM PASSEATAS.



**TU** – Você fez a faculdade pública e muitos falam que a qualidade ensino pública está ruim. Como você vê isso?

**RM** – A grande maioria das vezes que ouvir comentários de pessoas em relação às universidades públicas, isso vem da parte de pessoas que nunca pisaram em uma. É uma questão de preconceito que a pessoa tem. Isso acontece muito na minha área de estudo, da pessoa falar que temos uma formação marxista... meu, a

nossa tradição é weberiana, uma outra linha sociológica. Como falei, isso vem de pessoas que nunca pisaram numa universidade, pra ver como é, para entender o que é. E isso é lógico que chateia muito. Eu tenho paciência para caramba para explicar para todo mundo que fala isso, mas chateia. Pois muitas vezes a pessoa não entende que o que você está produzindo é uma ciência, que está dando sua contribuição pro país, que você valoriza a educação. As pessoas deveriam encarar a educação como algo que seja universalizado, de qualidade, que não seja mercadológico onde você só pode ter o curso que puder pagar.

**TU** – Ao invés de pichar, as pessoas poderiam pensar que todo mundo deveria ter direito a isso...

**RM** – Exato. Eu procuro encarar desta forma. As pessoas deviam ter o direito de frequentar a maior universidade do mundo, não importa a renda dessa pessoa.

**TU** – E as festas das universidades...

**RM** – São sempre muito boas (risos gerais!). Ambiente libertário. Uma vivência muito diferente de universidade particular. A própria lógica de centro acadêmico é diferente. É um espaço político, com disputa política e fazemos política. Vejo hoje em dia, passei por duas gestões do Centro Acadêmico de Ciências Sociais da USP, que é o olho do furacão. Tem de tudo. Tem tudo que é coletivo, movimento social, partido político da extrema esquerda à extrema direita. Tem de tudo. Lá é uma “escola” pra você saber lidar com a oposição, de você ter que lidar com categorias

diferentes, negociar com professor. Negociar mesmo! Negociar com funcionário... de entender um pouco qual perfil do estudante do seu curso e aonde você está inserido na sociedade, na sua universidade também. E as festas acabam sendo um espaço onde você conhece um monte de gente, até de outros cursos. A galera da minha graduação, tá cada um num espaço hoje em dia, fazendo coisas totalmente diferentes.

**TU** – E o pessoal que se formou contigo, continuam na área?

**RM** – No meu curso tem uma formação muito ampla e isso permite atuarmos de maneiras diversas. Por exemplo, tenho uma amiga que sempre foi trabalhar com pesquisa em rede de TV, fazendo análise de pesquisa particular. Tenho colegas que estão em órgãos públicos, amigos que trabalham em ONGs, uns foram para a política e disputam eleição, tem uns que trabalham para o Estado Brasileiro, sendo assessor legislativo. Independente do Governo que estão, trabalham para o Estado, para o Poder Legislativo. Tem uns que viraram pesquisadores de ponta, de Universidades Federais, outros fazendo PhD fora do Brasil. Por ter uma formação ampla, permite ter as diferentes entradas no mercado de trabalho. Falo isso das pessoas que tenho proximidade, não sei se isso acontece com todo mundo.

**TU** – Voltando a falar de política, hoje em dia vemos pressão da sociedade para a mulher na política. Mas está complicado ver o número delas crescer. Como você vê esse futuro?

**RM** – A política nunca tá descolada da sociedade que ela representa. Nossa classe política é a nossa política, acaba reproduzindo aquilo que está na nossa sociedade. A nossa sociedade é uma das mais machistas que talvez já estive presente, que já pude viver. Uma sociedade que acontece uma divisão sexual do trabalho muito forte, que encara a mulher como alguém que deveria ser muito mais responsável pelo espaço, cuidar da própria casa, ter uma carreira que é passar por ter filhos necessariamente, onde o homem é sempre visto mais como a quem cabe ocupar o espaço público, então a política reproduz isso. Sou otimista nesse sentido, independentemente de retrocessos políticos que temos vivido há algum tempo, estão acontecendo processos de transformação sociais que no meu ponto de vista, são irrefreáveis. O primeiro e talvez o principal, é o empoderamento de mulheres. Isso é um processo social. Estamos numa sociedade. Independente de fenômenos políticos, isso vem de baixo. E quando vem de baixo não tem como ser freado. Esse tipo de empoderamento que acontece, vai gerar frutos por um bom tempo. E já gera! Pega as proporções de

mulheres no parlamento aumentou. Mesmo com o Brasil sempre sendo um dos últimos em participações de mulheres na política. Uma parte dos partidos fechavam muito os espaços para as mulheres, não todos. O financiamento das mulheres na política sempre foi mais complicado. Além dos fatores sociais que eu mencionei. A partir do momento que você tem esse processo social acontecendo, isso começa a se refletir na política. Você vai formando mais mulheres que vão se tornando lideranças políticas, elas vão se empoderando, vão tendo acesso à leitura sobre o assunto. Acho que o movimento “#elenão” foi um reflexo disso nesse segundo turno e que vai gerar frutos por muito tempo. Minha irmã, por exemplo, participa de um monte de grupos de Whatsapp sobre isso e que tão organizando ações para um monte de coisas. Vão começar a dar oficina em tal lugar, cada uma tem uma área de formação diferente, minha irmã na Nutrição, outra mulher na Sociologia. A minha irmã falou que poderia dar uma oficina sobre alimentação, por exemplo, isso vai gerar fruto por muito tempo e são mulheres se auto organizando. É o mais bacana. Não precisa de um homem para falar o que elas devem fazer. Cabe a nós ouvirmos agora, aprender e aplaudir. Essas coisas que falei agora, também acontecem com pessoas pretas e pardas, LGBT, indígenas, a partir do momento que essas categorias sociais, que chamamos de minorias sociológicas, começam a se organi-

zar e começam a disputar esse espaço, dentro do espaço de poder, isso incomoda as categorias que sempre tiveram base de poder. Privilegiados no Brasil, que é basicamente formado por nós, o homem branco heterossexual de classe média alta. Isso incomoda. E tem uma categoria, uma fração dentro da classe média, que não está disposta a ceder isso. E não é bem “ceder”. As pessoas acham que isso funciona como uma pizza, você vai perder um pedaço aqui e outra vai ganhar. Não é assim. A pessoa ter mais direito não pressupõe que você vai perder os seus direitos. Vai crescer nos direitos daquela pessoa.

**TU – E você falou das mulheres com mais acesso à literatura. Temos um monte de livros aqui atrás de você, que livro você recomenda para começar?**

**RM** – Preciso pensar... aqui são ciência política (mostrando os livros). Aqui são os que uso para pesquisa e no meu quarto é literatura. Vou sugerir literatura, não vou sugerir coisas cabeçudas. (Rafael sai do escritório e volta com três livros na mão). Três livros que acho que valem a pena, ajudam a entender. Não são sobre o Brasil, mas ajudam a entender o que estamos vivendo. Falando da questão das mulheres, esse aqui (mostra o livro *“Suffragette: My Own Story”*) é a autobiografia da Emmeline Pankhurst, líder do movimento sufragista. É surreal, é maravilhoso. Não sei se temos acesso a ele em português, o livro

inspirou o filme *“As Sufragistas”*, mas tiveram que tirar algumas coisas do filme de tão pesado que era o relato. Coisas como as mulheres que estavam sendo presas em manifestações e que faziam greve de fome para se declarem presas políticas, para serem soltas, mas aí criam uma lei que inclui alimentação forçada entre as coisas que se podem fazer com a pessoa que tá presa. Cara, isso é surreal. Muitas mulheres eram alimentadas à força, com um tubo enfiado na boca delas e de uma maneira que não podiam se mexer senão machucava. Aí, tirava o tubo, quebrava os dentes... Surreal. Mostra que essa luta que elas têm no Brasil tem raízes lá atrás. Tem mulher lutando desde o começo da história da humanidade, para que haja o mínimo de igualdade de gênero. Esse (mostra mais um livro, *“Down and Out in Paris and London”*). George Orwell, meu autor favorito, desde sempre. A primeira vez que li *“A Revolução dos Bichos”*, não entendi direito, mas curti. Li trocentas vezes. O *“1984”*, um dos livros que mais li na vida, é espetacular. É legal ler sacando o que está por trás. Legal ler depois o *“V de Vingança”*, cujo os autores usaram muitas referências. E esse é um que fui descobrir da última vez que fui pra Inglaterra. O que ele fez é muito louco. Ele era de uma família privilegiada e foi morar na extrema pobreza de Londres e Paris, para ver qual é a real. Ele se sentia na obrigação de entender e se colocar no lugar das pessoas que ele tava escrevendo e contando a história. Então, foi ficar na pindaíba total por um bom tempo, passando fome, dormindo no banco da praça, pedindo comida... surreal! Por ser meu autor favorito, é algo que vale. E o terceiro aqui, esse é



genial. Eduardo Galeano, *“Espelhos”*. É um dos meus autores favoritos. Já dei livros dele de presente pra muita gente. E esse é genial, é muito louco. São todos contos, histórias pequenas. O livro é basicamente a história daqueles que não entraram para a história, então vai escrever uma história que veio de uma liderança Maia antes da colonização espanhola, ou de um indígena no Brasil. E ele faz isso desde o início da humanidade, até hoje. Desde histórias de resistência da ditadura uruguaia, anos 60, 80, desde o princípio da história Maia. Tentei montar uma linha que deu um certo sentido entre os três livros. Os três partem de histórias de desfavorecidos. Os três são de histórias daqueles que não entram para a história. Recomendo muito esses três livros.

**TU – O que você tem a dizer para quem quer se envolver na vida política, na carreira de cientista político?**

**RM** – Primeiro, sugiro encontrar pessoas que assim como eu, são acessíveis nesse meio. Tem pesquisadores e cientistas políticos que vivem de fato em uma bolha, mas tem muita gente boa que é extremamente acessível. Recebo um monte de mensagem de molecada que quer prestar Ciências Sociais na USP. Explico numa boa, os problemas do curso, o quanto o curso mudou a minha vida, no sentido de reflexões que eu tenho. A melhor dica é procurar as pessoas que já estão na área, que seguiram essa carreira e estão dispostas a trocar uma ideia sobre o que é o curso. É uma disciplina jovem no Brasil, surgiu nos anos 70

mais ou menos, não é em todo lugar que você vai encontrar um curso, mas os lugares que eu conheço onde tem, o curso é espetacular. Pela USP, UFMG e UFRJ, são lugares onde o curso é espetacular! E apesar dos problemas que as redes sociais muitas vezes têm, que já falamos, isso permite ir atrás das pessoas que fazem parte desse meio e também atrás de leituras, escritas por cientistas políticos. É diferente de uma pessoa aleatória, falando sobre política. Falamos de política como ciência, baseadas em dados, tem metodologia por trás, isso é muito diferente. Por meio de rede social você tem acesso a muito texto hoje em dia, que permite entender minimamente o que a gente faz. O banco de tese da USP é público, qualquer pessoa pode digitar uma palavra chave lá e vão aparecer todas as dissertações e teses defendidas na história da USP na Ciência Política. Tudo acessível e as pessoas não sabem. É um conhecimento que é seu, por direito, você ajudou a bancar, tem o direito de ter o acesso a isso. **TU**

**VISITE A PÁGINA DE RAFAEL MOREIRA NO FACEBOOK**  
facebook.com/rafaelpolitica

C U S T O M I Z E   A   S U A   M O T O

E   S E U   E S T I L O   D E   V I D A .



As belas ruas do centro de Cartagena, com sua arquitetura com influência da colonização espanhola.

# UMA VIAGEM AO PARAÍSO NA COLOMBIA

## BOGOTÁ E CARTAGENA

texto  
\\ thais faria

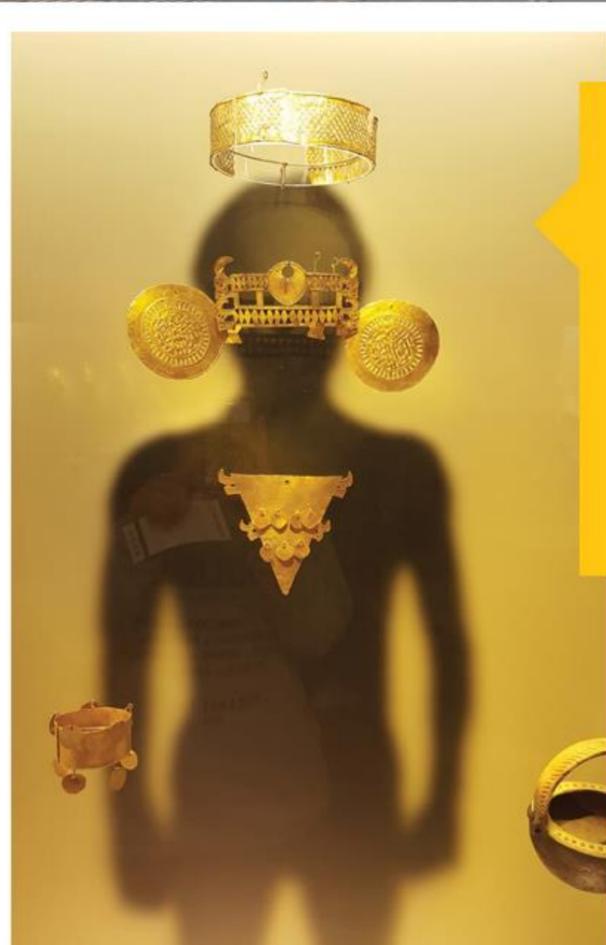
fotos  
\\ thais faria  
\\ unsplash.com

A América do Sul é cheia de lugares maravilhosos. Além dos tesouros que encontramos por todo o nosso país, nossos vizinhos guardam verdadeiros cenários paradisíacos. E um destes lugares a gente encontra na Colômbia. Estamos falando da bela Cartagena. Embarcamos na bagagem da nossa leitora Thais Faria rumo ao Caribe colombiano e conhecemos lugares de tirar o fôlego. Confira como foi esta viagem.



Pensar em um roteiro de férias interessante não é tarefa fácil, pois são muitas opções de destinos maravilhosos e com infinitas possibilidades. Neste ano, a minha intenção era explorar meu próprio continente. Conhecer um país da América do Sul, que possui incontáveis belezas naturais. Aqui temos tanta diversidade, como montanhas cobertas de neve, florestas tropicais, desertos, praias... Acabei optando por conhecer a Colômbia. Visitei sua capital, Bogotá, a cidade histórica de Cartagena e as ilhas paradisíacas San Andrés e Providência. Que viagem incrível.

Abaixo, a Plaza Simon Bolívar, principal praça da capital Bogotá. Na parte inferior, um dos diversos exemplos de arte pré-colombiana vista em El Museu del Oro. Na página ao lado, detalhe do Museu Botero.



O Museu do Ouro de Bogotá (em espanhol, **EL MUSEU DEL ORO**), considerado um dos maiores museus do ouro do mundo, e um dos principais, localiza-se na capital colombiana. Seu acervo é constituído de trabalhos pré-colombianos que utilizam como matéria-prima fundamental o ouro da região, necessariamente ligados à rotina e ao cotidiano de seu povo, exposto em salas no segundo e no terceiro andar.

## BOGOTÁ

Bogotá, principal porta de entrada da Colômbia, está localizada a 2.640 metros acima do nível do mar e por isso é sempre fria. Lá o ar é rarefeito e com o céu quase sempre cinza. É uma cidade grande, como quase toda capital. A minha rota foi bem turística. Fiz um tour gratuito para conhecer La Candelaria, centro histórico de Bogotá. Também visitei importantes museus da cidade, como o Museu Del Oro e o Museu Botero. Conheci o Centro Cultural Gabriel Garcia Marquez, e o Chorro de Quevedo, região onde se localizam a Plaza Bolívar, a Casa de Nariño (sede do governo colombiano), o Capitólio Nacional e a Catedral Primada da Colômbia.



## BOGOTÁ ESTÁ LOCALIZADA NA CORDILHEIRA ORIENTAL DOS ANDES, A 2.640M DE ALTITUDE.

**FERNANDO BOTERO** é um artista figurativista colombiano, cujo estilo é chamado por alguns de "Boterismo", o que lhe dá uma identidade inconfundível. Suas obras destacam-se sobretudo por figuras gorduchas, o que pode sugerir a estaticidade da humanidade. Percebe-se a sua escultura como uma crítica social, especialmente no que diz respeito à ganância do ser humano. Suas obras de maior destaque são as releituras (gordinhas) de Mona Lisa, de Leonardo da Vinci, atualmente exposta no Museu Botero em Bogotá, na Colômbia e O Casal Arnolfini, de Jan van Eyck

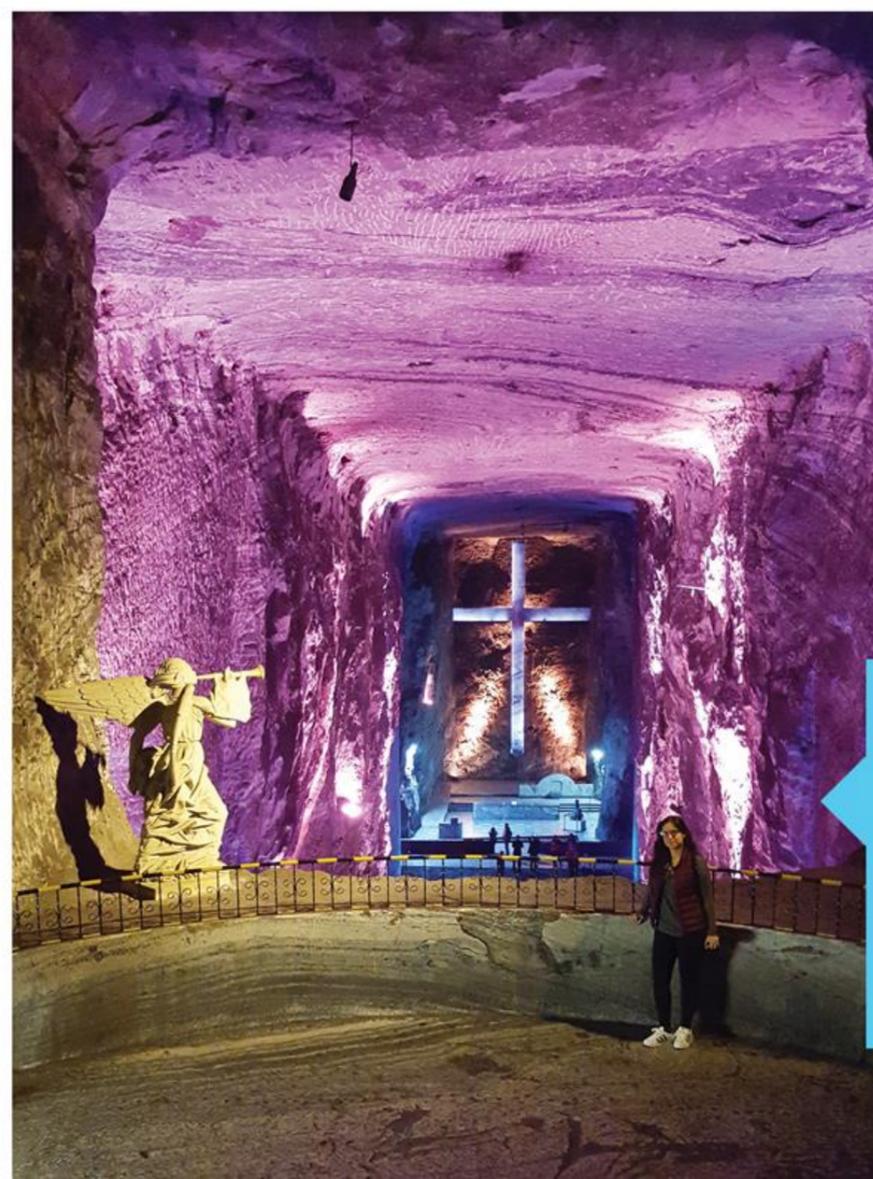
Ao lado, no topo do Cerro de Monserrate. Abaixo, a vista da cidade de Bogotá na subida do Cerro. Na página ao lado, as nuvens nem sempre ajudando a contemplação da vista. Na parte inferior da página ao lado, a Catedral de Sal, que fica localizada dentro de uma mina.

Além do tour cultural, subi ao Cerro Monserrate, que é a grande montanha de Bogotá. Nele existe uma igreja e uma mini vila no topo. É um lugar lindo, com vista panorâmica para toda a cidade. Aproveitei o último dia em Bogotá para conhecer a Catedral de Sal, que fica na cidade vizinha, Zipaquirá. É uma catedral subterrânea, construída em uma mina de sal. O lugar é diferente e lindo, foi uma experiência bem interessante.

A noite, visitei a famosa Zona T, onde se concentra a vida noturna de Bogotá. Foi lá que conheci e me apaixonei pelo restaurante/balada Andrés Carne de Res. Quem for pra Bogotá não pode deixar de ir. É inexplicável a beleza e energia desse lugar. Fica a dica.



O **CERRO DE MONSERRATE** é o mais conhecido dos cerros de Bogotá. O morro tem uma altitude de 3.152 m e localiza-se sobre a cordillera oriental. Os morros de Bogotá têm origem na época dos dinossauros, com pelo menos 16 milhões de anos de idade. Antes conhecido como Cerro das Neves, abriga a basílica do Senhor de Monserrate, que tem sido lugar de peregrinação religiosa desde a época colonial e constitui-se numa atração natural, religiosa e gastronômica da cidade. As pessoas podem subir o morro a pé, por teleférico ou por funicular, que nem o nosso Monte Serrat.



**BOGOTÁ É A 3ª CAPITAL MAIS ALTA DO MUNDO. ATRÁS SOMENTE DE QUITO E LA PAZ.**

Em 2007, mediante um concurso para escolher as 7 Maravilhas da Colômbia, a **CATEDRAL DE SAL** teve a maior votação, tornando-a na Maravilha Nº 1 da Colômbia, chegando a ser proposta entre as Sete Maravilhas do Mundo Moderno.



## CARTAGENA

Minha segunda parada na Colômbia foi Cartagena. Diferente de Bogotá, Cartagena é uma cidade quente (muito quente), viva, colorida e animada. A Ciudad Amurallada, centro histórico de Cartagena, é uma parte da cidade que fica dentro das muralhas do forte que protegiam a cidade dos ataques de piratas, e onde se encontram suas famosas ruelas de casas coloridas, um dos principais pontos característicos da cidade.

**CIUDAD AMURALLADA**, ou cidade murada, é o centro histórico e o coração de Cartagena, na Colômbia. Casarões coloniais, ruelas coloridas e sacadas cobertas por flores são guardadas por muralhas de um forte.

Outro programa obrigatório é assistir ao pôr do sol no Café del Mar, bar que fica em cima das muralhas do forte e tem uma belíssima vista para o mar, para o centro histórico e para a cidade nova. É magnífica a vista. Imperdível também é conhecer o imponente Castillo San Felipe de Barajas. Construído pelos espanhóis, é uma das fortalezas mais importantes da América Latina.

Na página ao lado, o centro de Cartagena cercado por sua muralha. Também na página ao lado, a vista de cima da muralha. Na parte inferior, o pôr do sol no bar Café del Mar, que fica na muralha. Abaixo, o Castillo San Felipe de Barajas, uma das fortificações mais importantes da colonização espanhola.



Construído com a função de proteger a cidade de Cartagena de Indias, o **CASTILLO SAN FELIPE DE BARAJAS** é uma das mais importantes construções espanholas na América. Outrora importante na defesa de uma das cidades mais visadas da época, hoje é um atrativo turístico imperdível, considerado uma das 7 maravilhas da Colômbia.



# CARTAGENA FOI UM DOS MAIS IMPORTANTES PORTOS COMERCIAIS DURANTE O PERÍODO COLONIAL ESPANHOL NAS AMÉRICAS.

## AS ILHAS

Por fim, parti rumo ao mar de sete cores da ilha de San Andrés, localizada no mar do Caribe. Que paraíso! No primeiro dia, aluguei um *mule*, que é carrinho de golfe, para dar a volta na ilha. Conheci as praias La Piscinita, West View (onde tem trampolim e escorregador para mergulho), Hoyo Soplador, Cocoplum e Rocky Cay (a mais linda, onde podemos caminhar até uma ilha, com a água pela cintura). Dando a volta na ilha de barco, conheci as praias Johnny Cay e El Acuario, que tem piscinas naturais com banco de corais, perfeitas para fazer mergulho.

# ALÉM DO MAR AZUL TURQUESA, AS ILHAS COMPARTILHAM MUITO DA CULTURA DE PAÍSES DO CARIBE, COMO ANTILHAS E JAMAICA.



Ao lado, Thais no emocionante passeio de parasail em San Andrés. No centro e na parte inferior desta página, o mar azul turquesa de Cayo Cangrejo. E na página ao lado, o cenário de tirar o fôlego em Providencia.

E quando pensei que não era possível ver um mar mais cristalino, conheci a ilha de Providencia. Providencia e Santa Catalina fazem parte do arquipélago de San Andrés e, para chegar até lá, são 25 minutos de avião (ou 3 horas de catamarã, pra quem preferir). Um lugar mais rústico, com praias quase desertas, para quem busca tranquilidade e contato com a natureza. Destaque máximo para Cayo Cangrejo, que é uma ilha bem pequena, com um píer de madeira e um mar translúcido, com muitos peixes e tartarugas. Perfeito para fazer snorkeling. Caminhando por uma trilha chegamos a uma pedra que dá a visão completa da ilha e o mar parece uma pintura, de tão lindo.

Confesso que a Colômbia me surpreendeu e superou as expectativas. Viagem de excelente custo-benefício, povo animado e receptivo, boa culinária (com muito café e alimentos a base de milho), reggaeton e lindas paisagens. Boa tanto pra quem quer descansar, quanto para quem quer se divertir. **TU**



Além de conhecer a ilha por terra e mar, optei por conhecer também pelo ar, num passeio inesquecível de Parasail. Foram 15 minutos içada a um paraquedas preso a um barco. Foi com certeza um dos momentos que tornaram essa viagem inesquecível. A variedade de cores do mar de San Andrés é difícil de ser explicada em palavras, é preciso estar lá e ter esse contato, pra entender tamanha beleza.



TU É GATA

NAYARA

EMELI

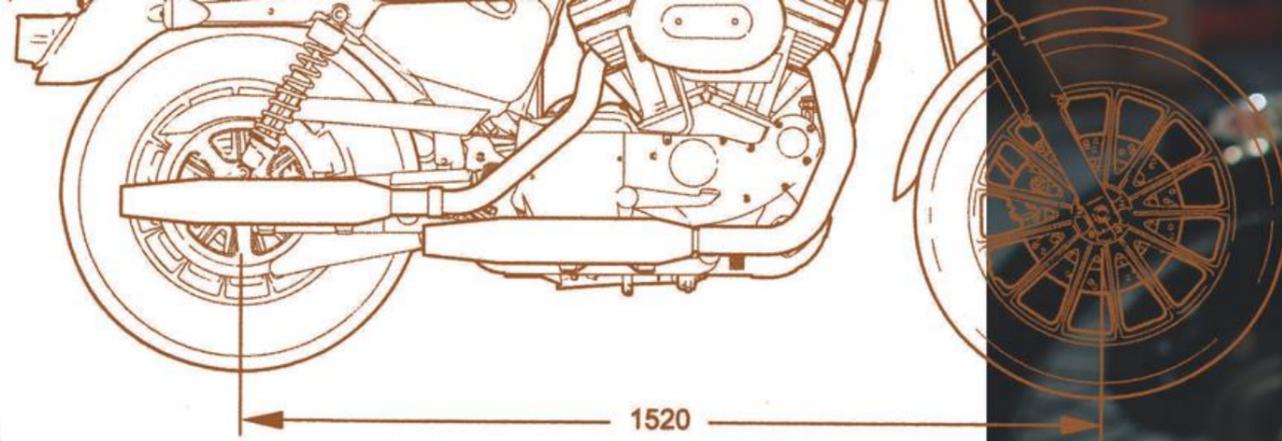
CERVEJA, METAL  
E FAISCAS NO ENSAIO

DESTA GATA

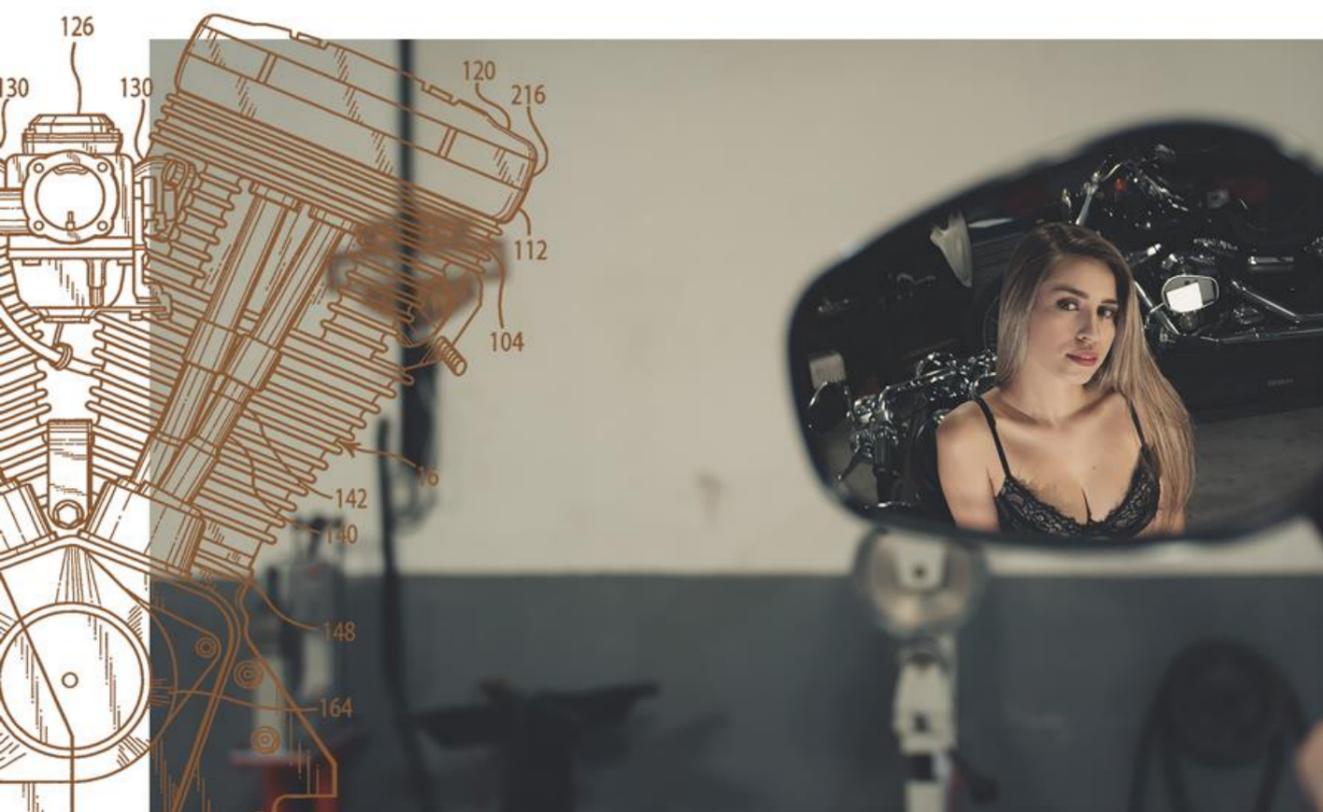
texto  
\ fernando de santis

fotos  
\ fernando de santis  
\ thiago souto

locação  
\ nine one motorcycles  
fb.com/nineonemotorcycles



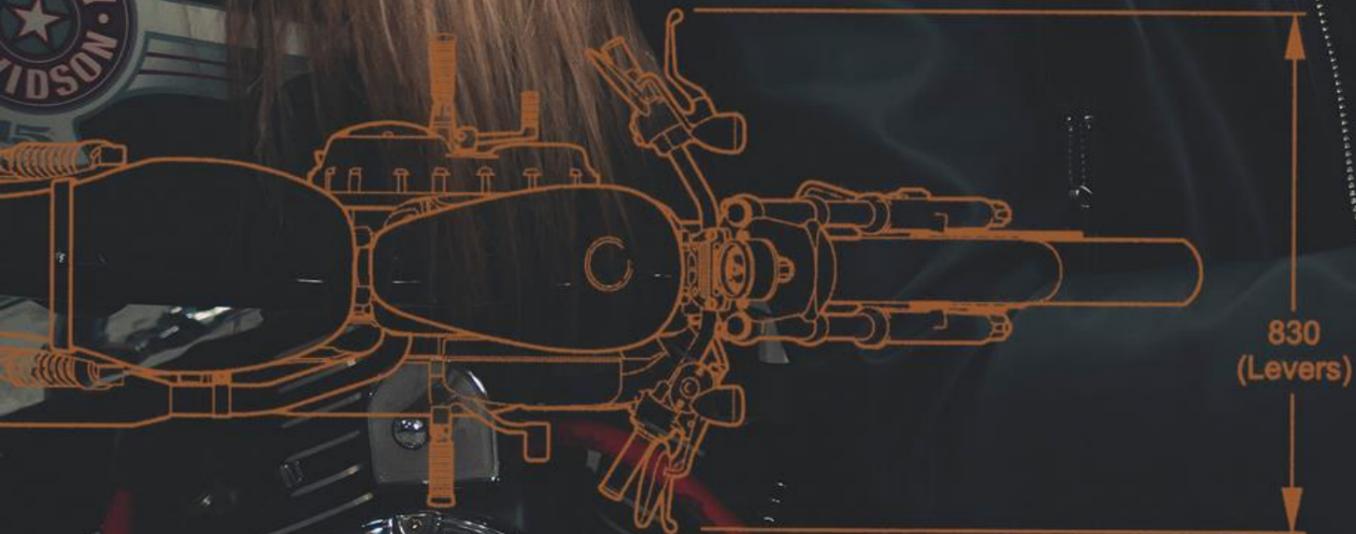
Sabe aquelas pessoas do tipo “Topa?” e ela “Topo!”? Pois é, a Nayara é assim. E não é qualquer “topo”, afinal liguei para ela no sábado, às 11 horas da manhã. “Nayara, você topa fotografar hoje, às 15h, para ser a capa da TU?” e ela não pensou, apenas disse “sim!”. Nayara Emili, para nós, apenas Na. Tu vê as fotos dela no Instagram e pensa logo de cara “que mulherão!”, mas ao vivo ela é toda pequenininha, voz doce, de fala baixinha e delicada. Quando está com os óculos de grau, até parece uma Bond Girl.



Entra no carro e confessa estar ansiosa, foi de repente a decisão do convite e de repente a decisão tomada. Nem sempre as coisas são assim para ela, por ser libriana, me diz sempre ponderar. Me disse que já acompanhava a revista TU há muito tempo e pensava em um dia, talvez, ser uma das gatas. Chegou o dia. Qualquer garota pensaria muito, pediria tempo para se arrumar, marcar maquiador, depilação e arrumar as roupas. A oportunidade veio e ela agarrou. Henry Rollins certa vez disse “responda sim, mesmo que você não saiba”. Em quinze minutos entramos na oficina “Nine One”, que fica no centro de Santos. Apresentei ela para a equipe que iria trabalhar na sessão, comecei a falar os pontos de fotos, ideias de poses e olhos dela brilhavam. Apesar do calor, do ambiente fechado, tava na cara que viriam fotos excelentes.



**A BELEZA  
DE NAYARA  
SE DESTACA NO  
MEIO DAS MOTOS E  
DAS FERRAMENTAS  
DA OFICINA.**



Nayara é santista. De cidadania e de futebol. A língua portuguesa nos prega essas peças. Mora com as duas irmãs mais velhas, a sobrinha mais nova, pré-adolescente, e a mãe. A casa das cinco mulheres. E como é conviver com tantas mulheres? “Com todas é de boa, mas sou a mais tranquila daqui. Às vezes rolam algumas discussões, pois tem muita mulher junta”, conta rindo. E nem conheço as demais moças da casa, mas já sei que a Nayara é a mais sonhadora. “E aí, fez o que depois do ensaio?”, me disse que ficou vendo e revendo as fotos e depois foi ler um livro. Ela prefere os romances. “Agora tô lendo ‘Amores Líquidos’ e ‘Norte e Sul’... ‘Amores Líquidos’ é sobre a velocidade com que tudo se modifica e a fragilidade dos laços que criamos”, isso foi um sábado a noite, no meio de



um feriadão. “Gosto muito de ler e sou bem caseira, vibe de balada não é comigo”, conta. E acaba me entregando que se sente romântica “Sou, muito! Deu pra perceber, né? Eu costumo dizer que nasci na época errada, dou valor a coisas que hoje em dia se perderam um pouco, principalmente com vinte e poucos... o pessoal quer festa, balada e contatinhos. Eu acho legal se divertir, super válido, mas acho que tem outras coisas mais importantes. Troco balada e festa por uma boa conversa tomando um açaí”. E a Na está solteira, pergunto se existem homens românticos “Existe sim, só difícil conhecer. Ele deve estar no mesmo lugar que eu... evitando baladas e imerso nos livros”, pondera.





A Nine One é uma oficina de motos custom, lá é a sede também da Super Custom, nossa parceira. A pegada era rock, por mais que a Nayara tenha me dito que gostava de todos os tipos de som, só rolou metal e punk na sessão. Mas ela me contou o que anda escutando: “‘Foreign Hands’ do George Ogilvie, associa bastante alguma música ao momento”, explica. Deixou o mundo nas mãos de outra pessoa... “Eu me doo muito. Me entrego mesmo. Então às vezes, sim. Mas ainda bem que sou libiana e tento sempre equilibrar o racional e emocional”, conta. Na é formada em Biomedicina e já emendou a pós graduação “Faço pós-graduação em Estética, em São Paulo. Me especializando em Estética sou habilitada a fazer procedimentos minimamente invasivos como Botox, Intradermoterapia, Preenchimento, Secagem de microvasos, Carboxiterapia, Aplicação de fios de sustentação absorvíveis e mais algumas coisinhas. Tem duração de um ano, então me formo em Setembro do ano que vem”, explica.





TU É GATA



1140



**FERRO  
QUENTE  
E FAÍSCAS  
NÃO DERAM  
MEDO EM  
NAYARA.**



Curioso ver uma moça tão delicada e tão doce, fazendo o contraste com aquelas máquinas robustas da Harley Davidson. Mas quando ela montou em uma Fatboy, tudo fez sentido, tudo ficou equilibrado. Talvez não seja o cavalo branco que ela, romântica, imagine, mas combinou muito. Embora seja sutil, é muito corajosa, às vezes um pouco mais impulsiva, mas muito mais vezes equilibrada. Nayara seguirá em frente, com o coração sempre aberto para novos desafios, conservando seus princípios e, dessa forma, a estrada da vida que a espera será tranquila, com o vento a favor, e ela percorrerá vivendo seus sonhos, um dia por vez. **TU**

# DIGITAL E OFFLINE. ANUNCIE NA REVISTA QUE TEM A SUA CARA.

VISUAL CLEAN E MODERNO • BIMESTRAL  
• COMPATÍVEL COM QUALQUER SMARTPHONE  
• FOCADA NO SEU PÚBLICO • AGORA EM  
VERSÃO IMPRESSA!

ACESSE O SITE E CONSULTE NOSSOS PACOTES



REVISTATU.COM.BR   /REVISTATUSANTOS

# TU

# LEMBRAR, RESSIGNIFICAR E AMAR

POR LUIZA CANATO

Dezembro é um mês especial, gosto muito de fazer uma avaliação interna, pensar em como foi o meu ano e para isso, uso e abuso da minha memória, busco me lembrar de momentos que me marcaram e das vezes que gostaria de esquecer, durante esse processo confio muito em minhas lembranças.

Assisti a série Maniac, disponível na Netflix, a trama da produção desenvolvida por Cary Joji Fukunaga e Patrick Somerville aposta no absurdo para retratar o nosso paradoxal momento contemporâneo.

Luiza Canato é psicanalista pelo Centro de Estudos Psicanalíticos e mestre em Educação pela UniSantos. Atende crianças, jovens e adultos em sua clínica particular.

Em uma espécie de ficção científica, vemos um mundo no qual em troca de gratuidades os seres humanos são bombardeados por anúncios que vendem vidas utópicas, somos apresentados a Owen Milgrim (Jonah Hill) e Annie Landsberg (Emma Stone), dois personagens com distúrbios mentais e comportamentais, dispostos a encarar um tratamento experimental de uma companhia asiática: tomar drogas alucinógenas para entrar em contato com lembranças conscientes e inconscientes e assim ter a possibilidade de ressignificar seus traumas. Em dado momento, é prometido aos personagens a cura que a “psicanálise nunca conseguiu fornecer” (sic).

Normalmente quando um paciente procura por análise o anseio pela cura é grande, eu particularmente sempre desconfio de profissionais que prometem solucionar logo de cara todos os nossos problemas, e penso ser nossa obrigação ética explicar que o processo de cura é relativo, pois o que é considerado como meta de tratamento no início pode se transformar ao longo do processo.

As lembranças são parte importante do tratamento, nos deparar com nossas verdades requer destruir sonhos, ideias, esperanças e crenças não é fácil, muito pelo contrário: é um caminho penoso e escuro, que exige disciplina e atenção.

Para esse final de ano desejo que sejamos capazes de nos conectarmos a nosso passado, presente e futuro e dentro de nós encontrarmos a única coisa que realmente importa, a única que pode nos reconciliar com nossa verdade e, assim, nos libertarmos: o amor. Feliz Natal e um Ano Novo maravilhoso a todos nós! **TU**



# ÉRICO BOMFIM

texto  
 \ thiago souto  
 fotos  
 \ erico bomfim  
 (acervo pessoal)

Quem nunca ficou na expectativa de saber qual seria a próxima arte do 5 em frente a Cine Roxy? E quem achou graça da arte "Santos é um ovo" no jardim da praia ou ficou procurando o seu personagem favorito no mural "Os Geeks" no Centro? Pois é, nós também. Elas têm duas coisas em um comum. Uma delas é que todas têm um alto poder de interação entre público e arte. E a outra é o seu autor. Todas elas são de autoria do Érico Bomfim, um publicitário de 33 anos que respira street art. Conheça um pouco mais sobre o Bomfim e o seu trabalho.

**TU** - Como nasceu a vontade de entrar pro mundo do grafite? Há quantos você trabalha na área?

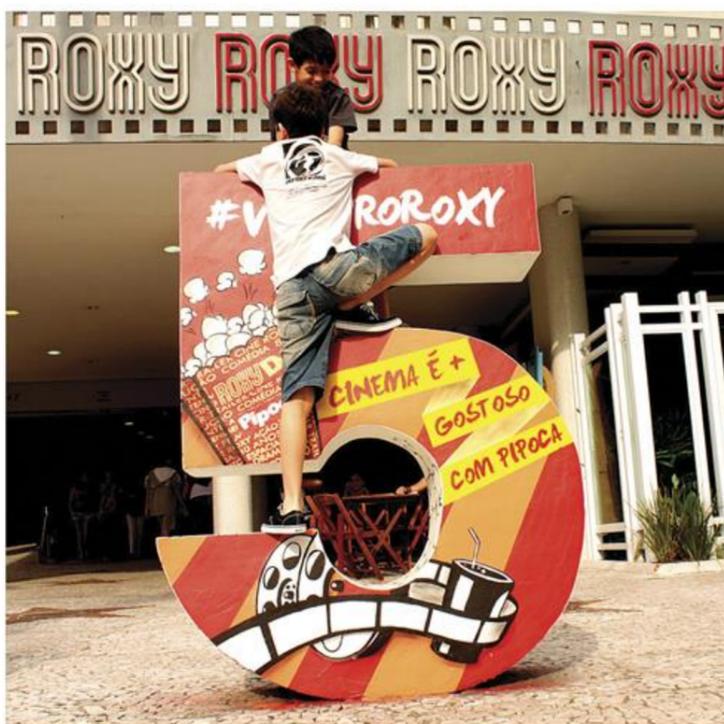
**Bomfim** - Na verdade, nem sei se entrei pro mundo do grafite. O que aconteceu na verdade foi que em 2008 eu atuava como diretor de arte em uma agência de publicidade e até então só conhecia estênceis, mas nada de sair na rua. Através de um amigo da área mesmo, comecei a colar uns cartazes na rua e a conhecer alguns artistas da região. Não demorou muito e já estava mexendo com spray e outras técnicas. Com grafite trabalho faz uns 5 anos.

**TU** - Quais são as suas maiores referências?

**Bomfim** - Minhas maiores referências são artistas como Van Gogh, Klint, Picasso, Miró, Gêmeos, Banksy, Highraf, Zezão... Existem mais, mas não me recordo de todos. Esses são os principais.

**TU** - Você tem uma parceria bem legal com o Cine Roxy, em um dos pontos de maior visibilidade da cidade. Como foi a primeira vez ao ver o 5 pintado e todo mundo comentando?

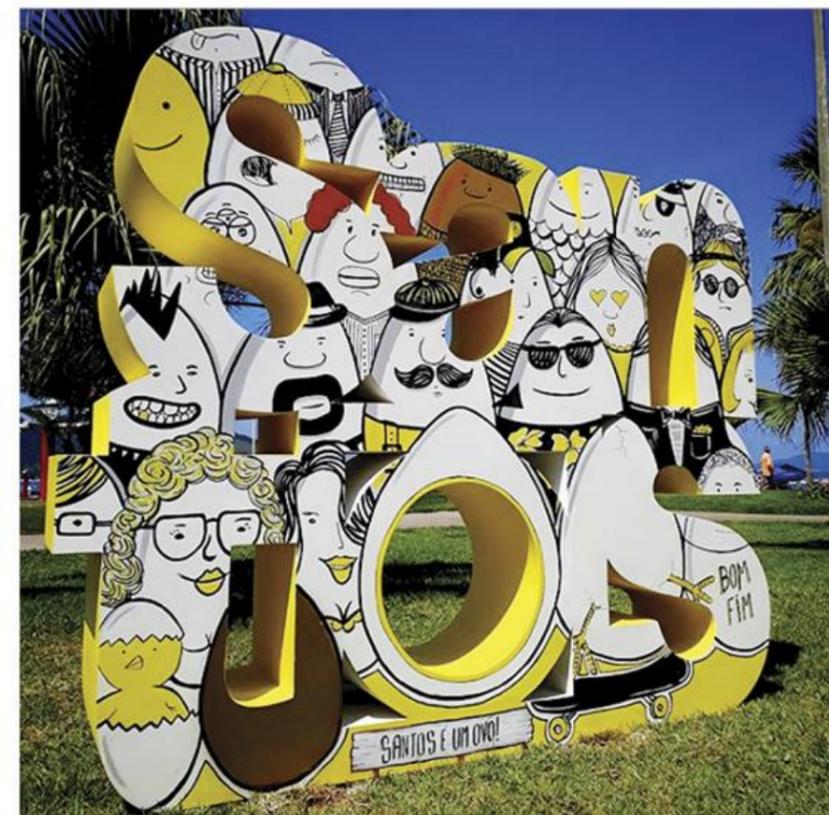
**Bomfim** - O 5 eu tenho um carinho especial por ser o meu primeiro trabalho comissionado. A parceria é muito boa, pois além de divulgar os filmes acabou divulgando a marca Bomfim. O projeto de pintar ia



durar 3 meses. Era um teste e já dura 5 anos. Sobre comentarem, é bacana o reconhecimento. Mas tem algo engraçado. Conforme o tempo foi passando, algumas pessoas achavam que era adesivo, pois no começo eu pintava de madrugada. Aí, mudei a estratégia. Pinte de dia e as pessoas ficaram surpresas de ver que era pintura. E passou a ter uma relação do público/artista/cinema. Passaram a resgatar histórias antigas, pois os filmes eram divulgados assim quando o Roxy tinha apenas uma sala.

**TU** - Além deste projeto, você tem vários. Quais você tem feito ultimamente que o pessoal pode ver pelas ruas? Qual que é o seu grande xodó?

**Bomfim** - Sim, já fizemos alguns projetos como o Essa Boca Não é Lixo (pintura de bueiros) e o Vilas Criativas, que foi feito com a Prefeitura de Santos. Abriam diversas portas para outros. Foi criada uma confiança. Pois eram projetos comissionados e valorizavam os artistas. Teve também o projeto os Bancos do Valongo, onde foram chamados diversos artistas da região para pintar bancos. Esse foi lançado no Mirada e os Arcos do Valongo é um local que tenho um carinho especial. Tem o Poste do Cine 3 que tem o mesmo molde do 5 do Roxy, mas é num poste (formato que eu amo demais e estou desenvolvendo um projeto para postes. Sim, é um spoiler (risos). Mas o meu xodó mesmo é o 5. É aquela velha frase da propaganda: "o primeiro a gente nunca esquece".



**TU** - Tem muita gente que ainda confunde grafite com pixação?

**Bomfim** - Tem e não tem. Pintar no Centro, as pessoas falam que você tá pixando. Pintar no Canal 7, as pessoas falam que é grafite. Muda de bairro pra bairro, mas isso acho que é relativo. Acho que é algo que ainda vai melhorar muito mais.

**TU** - Qual o futuro você imagina para o grafite?

**Bomfim** - Sobre o futuro... eu espero fazer parte dele. Passar meu conhecimento para as novas gerações de artistas. Seja influenciando ou incentivando. Emplacar mais projetos de arte e ver a cidade mais colorida. **TU**

**TU** - Santos, por mais que seja a maior cidade do Litoral, ainda guarda muito daquele pensamento de cidade pequena. Como você vê a relação da cidade com o grafite?

**Bomfim** - A cidade tem bons representantes nessa arte, em diversos setores e estilos. A cidade abraça e comporta. Temos uma região portuária enorme que comporta muito bem os murais de grafite. Creio que falta mesmo é um bom projeto e investidores da arte, junto com empresas do setor privado e o Estado viabilizando as estruturas. Talentos nós temos na região.

**SIGA O BOMFIM NO INSTAGRAM**  
[instagram.com/ericobomfim84](https://www.instagram.com/ericobomfim84)



# SOBROU?

# VIROU RECEITA!

foto  
\ thiago souto

COM CHEF DANILO ROCHA

A época de fim de ano é sinônimo de ceia repleta de pratos deliciosos. Aquele monte de comida gostosa que não tem fim e que a galera come até dizer chega, mas que sempre acaba sobrando um montão de comida. O que fazer com aquele monte de coisas gostosas? Pra você que não gosta de repetir o prato no dia seguinte, o chef Danilo Rocha traz a solução com três receitas para renovar as sobras da ceia de Natal ou do jantar do Ano Novo com muito estilo. Assim, não tem desperdício e todo mundo come (e repete) muito bem!



O chef Danilo Rocha comanda a cozinha do Mucha Breja Beer Store e do Rabbit Bar. É o fundador do buffet Chef Prime: Inteligência Gastronômica e participou do programa Food Truck a Batalha, do canal GNT

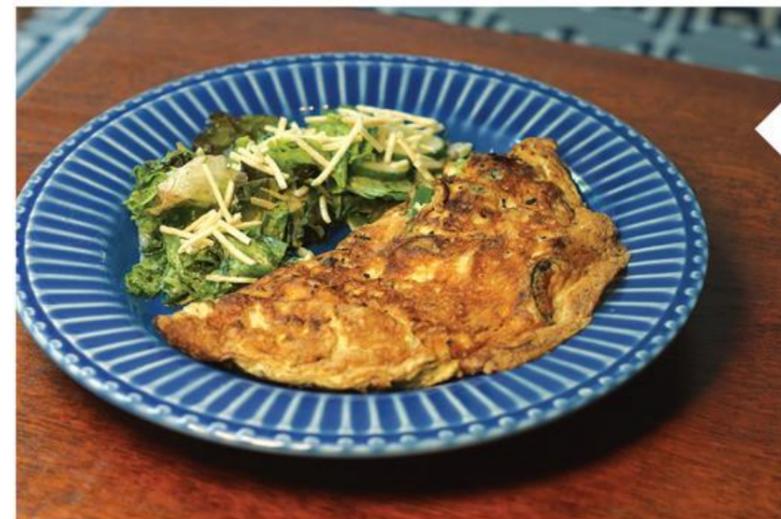
## CROQUETA DE TENDER

### Ingredientes

Sobras do tender do Natal / cerca de 300g  
200ml de leite  
60g de manteiga  
200g de farinha de trigo  
1 ovo  
Farinha de rosca  
Sal e pimenta a gosto

### Modo de preparo

Desfie o tender ou processe. Em uma panela, coloque a manteiga, leite, sal e pimenta. Adicione o tender e, assim que estiver bem incorporado, adicione a farinha de trigo de uma só vez. Assim que ver o fundo da panela, desligue o fogo. Deixe esfriar e faça bolinhas para empanar com o ovo e a farinha de rosca. Frite em óleo bem quente.



## OMELETE DE PERU

### Ingredientes

Sobras do peru da ceia / qualquer parte  
2 ovos  
2 fatias de pimentão verde  
4 folhas de manjericão  
Sal e pimenta a gosto

### Modo de preparo

Desfie o peru, adicione todos os ingredientes e misture bem. Em uma frigideira antiaderente, derreta uma colher de chá de manteiga e coloque toda a mistura. Deixe cozinhar bem e dobre ao meio. Sirva com salada verde.

## BOLINHO DE BACALHAU

### Ingredientes

Sobras do bacalhau com batata  
Farinha de trigo  
Sal a gosto  
Manteiga  
Óleo

### Modo de preparo

Pegue um pouco do bacalhau que sobrou da ceia com tudo junto (cebolas, batatas e tudo mais) e amasse em um espremedor de batatas. Adicione farinha de trigo até o ponto de enrolar e acerte o sal. Em uma mistura de manteiga e óleo (uma colher de sopa para cada 500ml), frite os bolinhos até ficarem bem dourados. **TU**



# Tim tim!

## TRÊS OPÇÕES PARA BRINDAR 2019 POR NÍCOLAS POVOAS

Nesta edição de final de ano da Revista TU vamos apresentar três opções de espumantes deliciosos que eu tenho certeza que vão harmonizar super bem com as comidas típicas desta época, pois são extremamente versáteis.

Estes tipos de vinhos têm um nível significativo de dióxido de carbono, fazendo-o borbulhar quando servido. O dióxido de carbono resulta da fermentação natural seja ela feita dentro ou fora da garrafa e estas borbulhas é que dão o toque especial tornando-os bebidas alegres, refrescantes, perfeitas para os momentos de celebração e confraternização.

Pela ordem na foto temos um francês na faixa de R\$ 50,00, outro argentino na faixa de R\$ 80,00 e por último um nacional na faixa de R\$ 150,00 que aliás não por acaso é o mais caro pelo fato de ser excepcional, o Brasil tem grande tradição na produção de espumantes. De qualquer maneira tenho certeza que todos eles farão a diferença e tornarão qualquer festa muito mais animada. **TU**

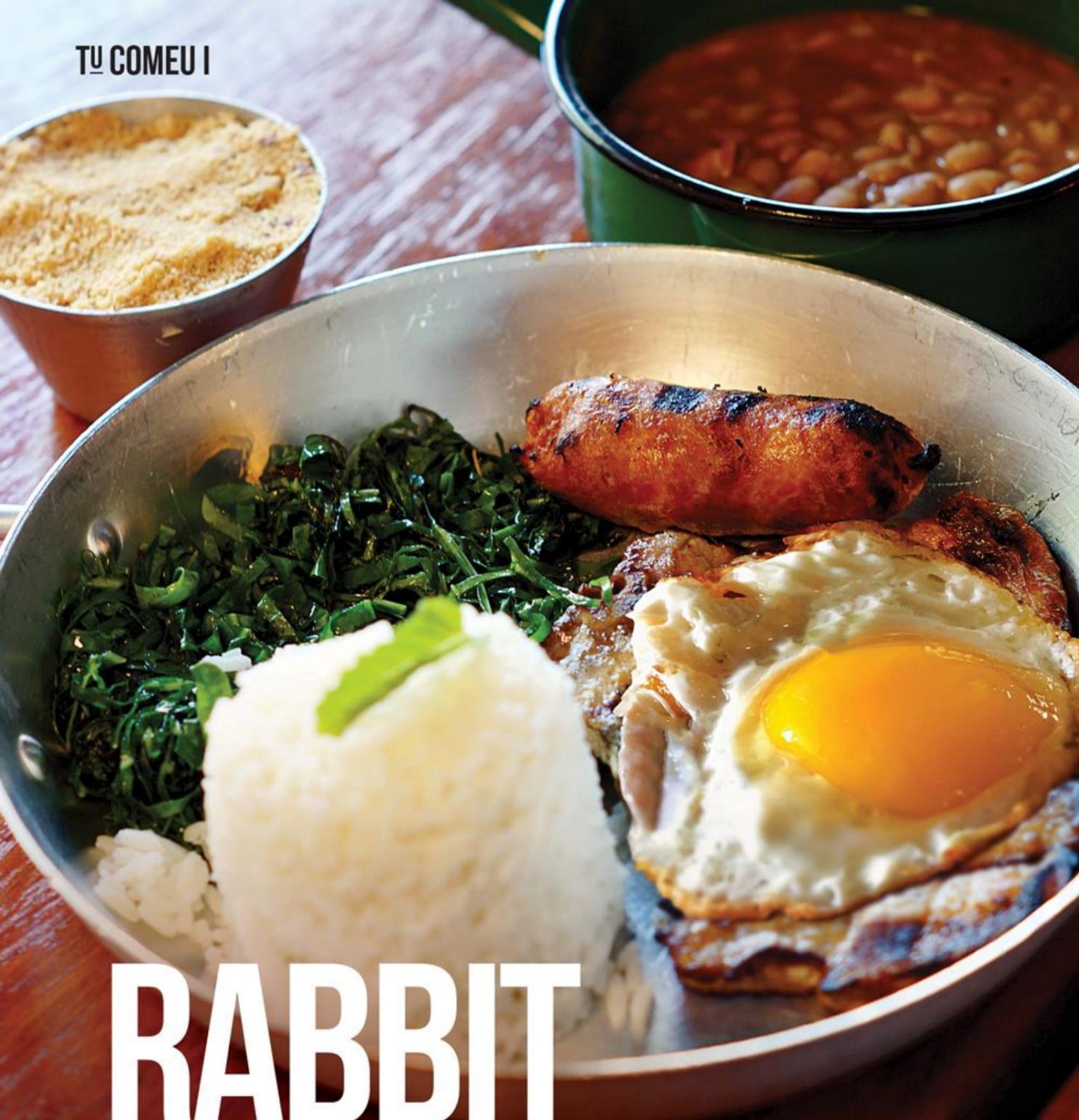


Nícolas Nascimento Ferreira Póvoas tem 36 anos, é contador, enófilo e membro da Associação Brasileira de Sommeliers. Se apaixonou por vinhos aos vinte anos e iniciou sua busca sempre por novidades e experiências sensoriais diferenciadas.

# ASUA OBRA DE ARTE VOCE É

ETERNIZE O SEU MOMENTO

Toda a qualidade e delicadeza dos ensaios da Revista TU só para você.  
Faça um ensaio com nossa equipe de fotógrafos e maquiadoras.



# RABBIT

**EM SANTOS/SP**  
por \ thiago soutu

Neste outubro passado, o mesmo pessoal que comanda o Mucha Breja, na Ponta da Praia, abriu mais uma casa, agora no coração de uma das ruas que mais bomba de bares e restaurantes em Santos. Ali na Tolentino Filgueiras, o Rabbit nasceu com uma proposta diferente da consagrada no seu irmão mais velho. Saem as cervejas especiais (elas ainda estão lá, mas não na mesma proporção) e entram em cena drinks inspirados em Alice no País das Maravilhas. Com nomes como Mad Hatter Tea Party (que casa Jack Daniels Honey com chá mate), The Red Queen e Alice, a referência fica

Na página ao lado, o muito bem servido Virado à Paulista, uma bela pedida para quem quer comer bem no almoço ali para os lados do Gonzaga. Ao lado, a refrescante Caipirinha de Tangerina com Dedo de Moça, uma delícia.

bem óbvia. Além dos drinks autorais, a casa oferece os mais tradicionais como Moscow Mule e Bloody Mary, além de opções de gin e caipirinhas das mais diversas. É tanta opção que você vai sair de lá vendo coelhos falantes.

No quesito comida, Rabbit segue o padrão de qualidade do Mucha, afinal o chef Danilo Rocha se divide entre as duas cozinhas e assina os dois cardápios. Mas se na Ponta da Praia, o destaque fica para os burgers, aqui as porções são o carro chefe. A coxinha de frango ganha uma releitura sem massa, empanada em farinha panko, e uma série de bolinhos vem fazer companhia para aquela breja gelada. A pedida perfeita para esse calor que a gente conhece bem daqui da Baixada.



Se no happy hour quem manda são as porções, no almoço os pratos executivos são os donos da vez. Como fui lá numa segunda-feira para tirar as fotos das receitas desta edição do chef, aproveitei para pedir um Virado à Paulista. E olha, não é porque o Danilo escreve na revista, mas estava bom pra caramba. Tudo bem temperadinho, com gostinho de comida de casa e, o melhor de tudo, servidão! Com tudo que tem direito num Virado. E o preço é mais do que justo para quem quer comer com qualidade. Todo dia rola um prato diferente, com destaque para a feijoada aos sábados com

com direito à música ao vivo. E para acompanhar uma comida boa dessas, pedi uma Caipirinha de Tangerina com Dedo de Moça. Tá bom, eu falei que era segunda-feira, mas estava calor pra caramba e eu mereço, pois também sou filho de Deus. É amigo, que delícia de caipirinha. Se não fosse segunda-feira, mandaria mais duas, enrolava até o happy hour e já jantava ali mesmo. Ficaria na dúvida entre a Croqueta de Rabada ou de Carne Seca. Me conhecendo bem, pediria as duas. Pediria não, pedirei! Pois já estou programando uma visita à noite. **TU**



# GRAÇA MINEIRA

EM SÃO PAULO/SP  
por \ fernando de santis

Há dois meses estive em Minas Gerais, passei pela Serra do Cipó e depois fiquei alguns dias em Belo Horizonte. Pra quem não conhece, o estado de Minas é rico em cultura, história, cheio de pessoas amáveis e esbanja na culinária. Tu volta de Minas rolando e com muita saudade da gastronomia de lá. Andando pelas ruas da Vila Clementino, em São Paulo, dei de cara com uma casinha deveras acolhedora e convidativa, chamada Graça Mineira. Garçons serviam

chopes suando às pessoas que aguardavam por uma mesa, na calçada. Tomamos um, até o momento em que fomos chamados.

Embora a fachada da casa engane, o salão é grande. Se você tiver sorte, pode pegar umas das mesas que ficam na grande varanda, virada para a rua arborizada e calma, típica do bairro. Se não conseguir a varanda, sem problemas, você ficará confortavelmente em uma mesa no térreo ou no andar

superior. A Graça Mineira é dessas casas paulistanas que os garçons atendem com maestria e simpatia. Basta cruzar o olhar com um deles, que aparecem prontamente, oferecendo o serviço. Entre um chopp e outro, resolvemos pedir uma entrada, para escolher com calma o prato principal. Pedimos então uma porção de polenta frita, que chegou muito bem servida, bem quente, totalmente crocante por fora e macia e cremosa por dentro. Deu sede, e tomamos mais chopp. No cardápio você encontrará todas as delícias que a culinária mineira nos proporciona. Frango com quiabo, costelinha, feijão tropeiro, bistecas, porco, lombo, tutu,

leitão, rabada... resolvemos provar o Lombo Tropeiro. O prato acompanha arroz branco, couve, torresmo, feijão tropeiro, e claro o lombo de porco. Pedimos ainda banana à milanesa. Alguns minutos depois chegou o garçom trazendo uma mudança, mas eram os pratos, que foram espalhados pela mesa. Aqui é a parte que eu devo dizer que na

Graça Mineira não tem miséria, eles servem muita comida! Estávamos em três e já dou o spoiler que, o prato pra duas pessoas, sobrou! E é tudo delicioso, a couve na manteiga, os torresmos do tamanho de uma maçã, o tropeiro que não deixou nada a desejar para os que eu comi em Minas e o lombo, suculento e macio. O garçom retirou a quantidade



Na página ao lado, a abundância da culinária mineira representada pelo Lombo Tropeiro. Acima, o feijão tropeiro escondido sob uma camada de torresmo pururuca e, pra finalizar, um queijo minas com um bom punhado de doce de leite.

enorme de comida que sobrou e trouxe tudo em Tupperwares. Sim, todo mundo sai com os potes de plástico cheios de comida, para levar para casa. Apesar da barriga recheada, do sono e do bigode suando, resolvemos pedir as sobremesas. E aí, meu irmão, mineiro apela. Doce de leite, goiabada, doces em conserva, ambrosia, churros, sorvetes e tudo mais. Pedimos então doce de leite com um queijo branco (e acreditem, veio um tijolo de queijo branco, sem miséria) e pedimos um sorvete de queijo com goiabada. Uma delícia!

Sáimos satisfeitos, com a saudade da gastronomia mineira renovada e com potes cheios de comida para o jantar. Bom saber que em São Paulo, pertinho de casa existe um local tão receptivo e gostoso, como o Graça Mineira. Aliás, o garçom me contou que servem feijoada todos os dias da semana. Adivinhem quem irei lá conferir? **TU**

Rua Machado Bittencourt, 75  
Vila Mariana - São Paulo/SP  
gracamineira.com.br

## DUAS BANDAS QUASE IGUAIS E TOTALMENTE DIFERENTES

texto \ fernando de santis

# RATM & AUDIOSLAVE

Se pudéssemos olhar as árvores genealógicas das bandas com mais atenção, perceberíamos que muitas bandas são filhas ou irmãs de outras. É comum ouvirmos a piada de que a melhor coisa que o Metallica fez foi o Megadeth. Brincadeiras à parte, isso era uma rivalidade infantil, que teimava em virar bate boca nas esquinas. E foi no começo dos anos 90 que surgiu, na Califórnia, uma banda que viria para mexer com a estrutura da indústria fonográfica, o Rage Against the Machine. Para facilitar a nossa vida, simplesmente RATM.

Nos meses que passaram de eleições no Brasil, ouvimos muito a frase “música não tem nada a ver com política”. Se você pensa isso meu amigo (a) e escuta rock, você está fazendo isso errado. O punk sempre foi contestador, assim como o hard core, ou bandas como Megadeth, sempre trouxeram à tona esse tipo de assunto, e o RATM simplesmente SÓ falava disso. Assumidamente de esquerda, o grupo surgiu em 1991, contando com Zack de la Rocha (voz), Tom Morello (guitarra), Tim Commerford (baixo) e Brad Wilk (bateria). Não escolheram essa linha de pensamento à toa, Zack de la Rocha sofreu muito preconceito nas escolas americanas, por ser latino, esse tipo de ódio foi alimentando sua ira que aos poucos eram passadas

para os papéis e viravam versos de hip-hop. Tom Morello é formado com honras em Ciência Política em Harvard, sua bagagem no assunto acabou sendo uma fonte para as letras da banda. Em 1992 debutaram com o álbum autointitulado, como cartão de visita, a capa do monge budista que se queimou até a morte sem gritar ou se contorcer. O single de estreia, *Killing in the Name*, é o clássico definitivo da banda. Outras faixas viraram clássicos como *Bombtrack*, *Bullet in the Head* e a funkeadíssima *Know Your Enemy*. A fúria das letras vinha de braços dados ao vocal de hip-hop de Zack, que cuspiam os versos como marimbondos. Misturavam numa panela de pressão prestes a

explodir metal, funk e hip-hop. Porém o destaque do grupo ficou por conta das seis cordas. Tom desconstruiu a guitarra e apresentou uma nova forma de tocar: batendo o jack do cabo nas cordas, abusando da alavanca, misturando efeitos *whammy* e *wha...* uma parafernália criativa saía da cabeça do cara. Em 1996 colocaram no mercado o álbum *Evil Empire*, que estreou em primeiro lugar na Billboard. O protesto deles não era mais desconhecido e nesse disco, acabaram caindo muito pro hip-hop e rap, principalmente nos solos, simulando scratches de DJs. Destaque neste disco para *People of the Sun* e *Bulls on Parade*. O terceiro e último disco, *The Battle of Los Angeles* veio mais recheado de clássicos, como *Testify*, *Guerrilla Radio*, *Calm Like a Bomb* e *Sleep Now in the Fire*. Em 2000 ainda lançaram o disco de covers *Renegades*, com covers de hip-hop, punk e rock e então se dissolveram, para retornarem anos depois.

No ano seguinte ao término do RATM, surgiu o boato do nascimento de uma superbanda, com vazamento de áudios, e então apareceu o Audioslave, composto por Tom, Tim e Brad e contava com Chris Cornell, do Soundgarden, nos vocais. Ainda me lembro bem o estardalhaço que foi o surgimento desse grupo. Fãs radicais do RATM ficaram irados com a postura da banda, deixando totalmente de lado os discursos políticos e partindo para um som mais pop, com uma pegada hard dos anos 70. Algumas baladas compunham o repertório do quarteto, algo impensável ao RATM. Mas o Audioslave embora seja o filho bonzinho do RATM, se saiu muito bem ao que se propôs. Cornell era dono de umas das mais belas vozes que o rock já teve, e as melodias criadas pelo quarteto pegavam na aorta de qualquer um. Era hit em cima de hit nas rádios e na MTV. A estreia foi com o disco autointitulado em 2002 e tomaram platina tripla nas vendas além de ganharem o Grammy com a balada *Like a Stone*. Três anos depois lançaram o *Out of Exile*, que atingiu o topo da Billboard. Embora as comparações com o RATM fossem inevitáveis, as bandas sempre foram extremamente opostas. Nesse disco, alavancaram

hits como *Be Yourself* e a faixa título. Em 2007 lançaram o último disco do grupo, *Revelations*. Na mesma toada do anterior, conseguiu grande avaliação da crítica musical, porém, o vocalista Chris Cornell saiu da banda, fazendo com que não houvesse um tour de divulgação. Menção honrosa para as faixas *Revelations*, *Wide Awake* e *Shape of Things to Come*. Com o falecimento de Cornell em 2017, as chances de um retorno do Audioslave acabaram.

Vivenciei o surgimento do RATM no começo dos anos 90 e do Audioslave, no começo dos anos 2000, duas bandas grandes no cenário do rock, com músicos de extrema capacidade, mas não tem como compará-los em estilo musical e em importância. O que o RATM fez está cravado na história, como os diversos protestos em palcos e premiações e como uma grande novidade para a indústria e fãs. RATM foi aquele pai rebelde, que teve um filho tranquilo, com muito amor e talento no coração. Depois o RATM acabou tendo outro filho, deveras rebelde, assim como o pai, o Prophets of Rage, mas isso é história para outro dia. TU

OUÇA ESTES E OUTROS ÁLBUNS EM NOSSAS PLAYLISTS NO SPOTIFY. SIGA TU\_REVISTA OU USE SEU SMARTPHONE PARA LER O QR CODE ABAIXO!



# #EU SOU TU

fotos  
/@martinhomarcio /@kellysahade /@manolloft  
/@lipe1717 /@skate\_eletrico\_jlf /@moalmeida  
/@gomes\_pedro /@mayrhofertania  
/@christianfernandosilvasilva /@alexcastro89  
/@sergiollasantamarina /@thainaramacedod  
/@jessicafonsecaof /@drissantos /@eurobertamartine  
/@fotoeufiz /@angelmatiello /@iarabuenor  
/@kaueannino /@bobyfotografia /@ronaldochrysto  
/@marcialongboard /@tatysva /@rosanaanjós\_ /@inspireousadia /@valentina\_labradog  
/@alfredomedeirosfotografia /@mariaferdygram  
/@manuelaramosrafael /@amphoto013 /@travel.sitters  
/@natylimilima17 /@vanessacidperes /@jcmota  
/@eupaulinha\_sts /@dinnealex /@marciamestre  
/@a\_russo\_83 /@andreluiz0131 /@paolamartins2



TU

REVISTATU.COM.BR



/REVISTATUSANTOS